

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Rosie Project*

Autor: *Graeme Simsion*

Copyright © Graeme Simsion, 2013

Edição original publicada por The Text Publishing Co., Australia, 2013

Edição portuguesa publicada por acordo com International Editors Co. e The Text Publishing Co., Australia

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Pedro Elói Duarte*

Revisão: *Ana Matoso e Florbela Góis Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2016

Depósito legal n.º 413 462/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para o Rod e a Lynette

1

Talvez eu tenha encontrado uma solução para o Problema Esposa. Como acontece em muitas descobertas científicas, a resposta era óbvia em retrospectiva. No entanto, se não tivesse ocorrido uma série de acontecimentos inesperados, era improvável que a tivesse descoberto.

A sequência começou com o Gene a insistir para que eu o substituísse numa palestra sobre a síndrome de Asperger. A hora da palestra era extremamente inoportuna. A preparação podia ser feita enquanto almoçava, mas, para essa noite, eu tinha agendado 94 minutos para limpar a casa de banho. Tinha de escolher uma de três opções, nenhuma satisfatória.

1. Limpar a casa de banho logo após a palestra, o que resultaria numa perda de sono com uma consequente redução do desempenho mental e físico.
2. Remarcar a limpeza para a terça-feira seguinte, o que resultaria numa semana de falta de higiene na casa de banho, com o consequente risco de apanhar uma doença.
3. Recusar ir à palestra, o que resultaria num prejuízo na minha amizade com o Gene.

Apresentei o dilema ao Gene, que, como de costume, tinha uma solução alternativa.

— Don, eu pago a alguém para te limpar a casa de banho.

Expliquei ao Gene — mais uma vez — que todas as empregadas de limpeza, com a possível exceção da húngara de saia curta, cometiam erros. A Mulher de Saia Curta, que costumava ser a empregada de limpeza do Gene, desaparecera após um problema qualquer com ele e a Claudia.

— Vou dar-te o número de telemóvel da Eva. Mas não fales em mim.

— E se ela perguntar? Como é que respondo sem te mencionar?

— Diz só que estás a contactá-la porque ela é a única empregada de limpeza que trabalha como deve ser. E, se ela me mencionar, não digas nada.

Esta era uma solução excelente e um exemplo da habilidade do Gene para resolver problemas sociais. A Eva apreciaria o reconhecimento da sua competência e poderia até adequar-se a um trabalho permanente, o que libertaria uma média de 316 minutos por semana na minha agenda.

O problema da palestra do Gene surgira porque ele tinha a oportunidade de ter sexo com uma académica chilena que participava numa conferência em Melbourne. O Gene pretende ter sexo com mulheres do maior número possível de nacionalidades. Na qualidade de professor de psicologia, está extremamente interessado na atração sexual humana, que ele pensa ser, em grande parte, geneticamente determinada.

Esta ideia é consistente com a formação do Gene enquanto geneticista. Sessenta e oito dias depois de o Gene me ter contratado como investigador de pós-doutoramento, foi promovido a diretor do Departamento de Psicologia, uma nomeação fortemente controversa que pretendia estabelecer a universidade como líder no campo da psicologia evolucionária e ampliar o seu estatuto público.

Durante o tempo em que trabalhámos juntos no Departamento de Genética, tínhamos muitas discussões interessantes, que continuaram depois de ele mudar de cargo. Só por esta razão, eu já ficaria satisfeito com a nossa relação, mas o Gene convidava-me também para jantar e realizava outros rituais de amizade, que resultaram num relacionamento social. A sua mulher, a Claudia, psicóloga clínica, é também agora minha amiga. O que dá um total de dois amigos.

Durante algum tempo, o Gene e a Claudia tentaram ajudar-me no Problema Esposa. Infelizmente, a abordagem deles baseava-se no paradigma tradicional de marcação de encontros, que eu já abandonara, pois a probabilidade de sucesso não justificava o esforço nem as experiências negativas. Tenho 39 anos, sou alto, bem-parecido e inteligente, com um estatuto relativamente elevado e um rendimento acima da média como professor assistente. Em termos lógicos, eu devia ser atraente para muitos tipos de mulheres. No reino animal, seria um sucesso reprodutivo.

Contudo, há uma coisa em mim que as mulheres consideram pouco atraente. Nunca tive facilidade em fazer amigos, e parece que as deficiências que causaram este problema afetaram também as minhas tentativas de estabelecer relações românticas. O Desastre do Gelado de Alperce é um bom exemplo.

A Claudia apresentara-me a uma das suas muitas amigas. Elizabeth era uma cientista informática altamente inteligente, com um problema de visão corrigido por óculos. Falo dos óculos porque a Claudia mostrou-me uma fotografia e perguntou-me se gostava deles. Que pergunta incrível! Ainda para mais, vinda de uma psicóloga! Ao avaliar a capacidade da Elizabeth como potencial parceira — alguém que fornecesse estímulo intelectual, com quem partilhasse atividades, e talvez até com quem procriar —, a grande preocupação da Claudia era a minha reação à escolha das armações dos óculos, que, provavelmente, nem sequer havia sido dela, mas antes resultado do conselho de um optometrista. Este é o mundo onde tenho de viver. Depois, a Claudia disse-me, como se fosse um problema:

— Ela tem ideias muito firmes.

— Baseadas em evidências?

— Penso que sim — respondeu a Claudia.

Perfeito. Podia estar a descrever-me a mim.

Encontrámo-nos num restaurante tailandês. Os restaurantes são campos minados para os socialmente ineptos e, como sempre nestas situações, sentia-me nervoso. No entanto, tivemos um começo excelente quando ambos chegámos exatamente às sete da noite, como combinado. A falta de sincronismo é uma enorme perda de tempo.

Sobrevivemos à refeição sem que ela me criticasse por algum erro social. É difícil conduzir uma conversa quando não se tem a certeza de que se está a olhar para a parte correta do corpo, mas concentrei-me nos seus olhos por detrás dos óculos, tal como o Gene me aconselhara. Isto resultou numa certa imprecisão no processo de comer, que ela pareceu não notar. Pelo contrário, tivemos uma conversa muito produtiva sobre algoritmos de simulação. Ela era muito interessante! Já conseguia antever a possibilidade de um relacionamento permanente.

O empregado de mesa trouxe as ementas das sobremesas, e a Elizabeth disse:

— Não gosto de sobremesas asiáticas.

Tratava-se quase de certeza de uma generalização equívoca, baseada numa experiência limitada, e talvez eu devesse ter reconhecido isso como sinal de alerta. Mas deu-me a oportunidade de apresentar uma sugestão criativa.

— Podíamos ir comer um gelado no outro lado da rua.

— Boa ideia. Desde que tenham alperce.

Achei que, neste ponto, estava a progredir bem e não pensei que a preferência por alperce seria um problema. Estava enganado. A geladaria tinha uma vasta seleção de sabores, mas o de alperce estava esgotado. Pedi para mim um cone duplo de chocolate picante e alcaçuz e perguntei à Elizabeth qual era a sua segunda preferência.

— Se não têm alperce, não quero nada.

Eu não podia acreditar. Devido ao congelamento das papilas gustativas, todos os sabores de gelado eram essencialmente iguais. Isto acontece especialmente com os sabores das frutas. Sugeri manga.

— Não, obrigada. Não me apetece.

Expliquei-lhe com algum pormenor a fisiologia do congelamento das papilas gustativas. Previ que, se comprasse um gelado de manga e outro de pêsego, ela seria incapaz de os distinguir. E, por conseguinte, qualquer um deles seria equivalente a alperce.

— São completamente diferentes — disse ela. — Se não consegue distinguir entre manga e pêsego, é problema seu.

Tratava-se de um simples desacordo objetivo que poderia ser rapidamente resolvido de forma experimental. Pedi dois gelados dos mais pequenos, um de cada sabor. O empregado preparou

os gelados e, quando me voltei para pedir à Elizabeth que fechasse os olhos para a experiência, já se tinha ido embora. Lá se foi a «base em evidências» e a «cientista» informática.

Mais tarde, a Claudia disse-me que eu devia ter abandonado a experiência antes de a Elizabeth se ter ido embora. Obviamente. Mas em que momento? Onde estava o sinal? São estas subtilezas que eu não consigo perceber. Mas também não consigo perceber porque é que uma grande sensibilidade a indícios obscuros sobre sabores de gelado deve constituir um pré-requisito para se ser parceiro de alguém. Parece sensato pensar que algumas mulheres não exigem isso. Infelizmente, o processo de as encontrar é totalmente ineficiente. O Desastre do Gelado de Alperce custara uma noite inteira à minha vida, apenas compensado pela informação sobre algoritmos de simulação.

Dois almoços chegaram para pesquisar e preparar a minha palestra sobre a síndrome de Asperger, sem sacrificar a alimentação, graças ao fornecimento de Wi-Fi no café da biblioteca médica. Não tinha conhecimento prévio das perturbações relacionadas com o autismo, pois era um assunto que não fazia parte da minha especialidade. O tema era fascinante. Parecia adequado abordar os aspetos genéticos da síndrome, que poderiam ser menos conhecidos para a minha audiência. A maioria das doenças baseia-se de algum modo no nosso ADN, apesar de, em muitos casos, termos ainda de descobrir essa base. O meu trabalho concentra-se na predisposição genética para a cirrose do fígado. Grande parte do meu tempo de trabalho é dedicada a embebedar ratos.

Naturalmente, os livros e os estudos descreviam os sintomas da síndrome de Asperger, e formulei uma conclusão provisória, segundo a qual a maioria desses sintomas eram apenas variações na função cerebral humana que haviam sido erradamente medicadas por não se ajustarem às normas sociais — normas sociais *construídas* — que refletiam as configurações humanas mais comuns e não todas essas configurações.

A palestra estava marcada para as 19h, numa escola situada nos subúrbios. Calculei que o percurso de bicicleta demoraria 12 minutos; teria assim três minutos para arrancar o meu computador e ligá-lo ao projetor.

Cheguei a horas, às 18h57, depois de ter deixado a Eva, a empregada de limpeza de saia curta, no meu apartamento 27 minutos antes. Estavam cerca de 25 pessoas junto à entrada da sala de aulas, mas reconheci imediatamente a Julie, a organizadora, graças à descrição do Gene: «loira com mamas grandes». Na verdade, os seios dela não constituíam provavelmente mais do que um desvio de um tamanho e meio em relação ao tamanho médio para o seu peso corporal, e não eram uma característica identificativa notável. Era mais uma questão de elevação e apresentação, resultado da sua escolha de roupa, que parecia perfeitamente prática para uma manhã quente de janeiro.

Talvez eu tenha demorado demasiado a verificar a identidade dela, pois olhou para mim com um ar estranho.

— Deve ser a Julie — disse eu.

— Posso ajudá-lo?

Bom. Uma pessoa prática. — Sim, diga-me onde está o cabo VGA, por favor.

— Ah — disse ela. — Deve ser o professor Tillman. Estou contente por ter vindo.

Estendeu-me a mão, mas não lhe respondi.

— O cabo VGA, por favor. São 18h58.

— Tenha calma — disse ela. — Nunca começamos antes das 19h15. Quer um café?

Porque é que as pessoas dão tão pouco valor ao tempo dos outros? Agora, teríamos de ficar ali em conversas de circunstância. Eu podia ter passado 15 minutos em casa a praticar aiquidô.

Concentrara o olhar na Julie e no ecrã em frente da sala. Olhei então em volta e percebi que não tinha reparado em 19 pessoas. Eram crianças, maioritariamente do sexo masculino, sentadas nas secretárias. Provavelmente, eram doentes da síndrome de Asperger. Quase toda a literatura se concentra em crianças.

Apesar da doença, estavam a aproveitar melhor o tempo do que os seus pais, que se distraíam com conversas fúteis. A maioria dos miúdos mexia em computadores portáteis. Pensei que deviam ter entre oito e treze anos. Eu esperava que tivessem prestado atenção às aulas de ciências, pois a minha matéria implicava conhecimentos prévios de química orgânica e da estrutura do ADN.

Apercebi-me de que não respondera à pergunta sobre o café.
— Não.

Infelizmente, por causa do desfasamento, a Julie esquecera-se da pergunta.

— Não quero café — expliquei. — Nunca bebo café depois das 15h48. Interfere com o sono. A cafeína tem uma meia-vida de três a quatro horas e, por isso, é irresponsável servir café às 19h, a não ser que as pessoas planeiem ficar acordadas até depois da meia-noite. O que não permite um sono adequado se tiverem um emprego convencional.

Eu tentava aproveitar o tempo de espera dando conselhos práticos, mas parecia que ela preferia falar de trivialidades.

— O Gene está bom? — perguntou ela. Tratava-se obviamente da variação de uma das fórmulas mais comuns de interação:

«Como está?»

— Ele está bem, obrigado — disse eu, adaptando a resposta convencional à forma da terceira pessoa.

— Ah, pensava que ele estava doente.

— O Gene está de perfeita saúde, apesar de ter seis quilos acima do peso certo. Fomos correr esta manhã. Tem um encontro esta noite e, se estivesse doente, não poderia sair.

A Julie pareceu pouco impressionada e, mais tarde, ao rever a interação, percebi que o Gene devia ter-lhe mentido sobre a razão para não estar presente. Provavelmente, foi para evitar que a Julie sentisse que a palestra era pouco importante para o Gene e para dar uma justificação para que um orador menos prestigiado fosse enviado como substituto. É praticamente impossível analisar uma situação assim tão complexa, que envolve mentira e a suposição da resposta emocional de outra pessoa, e preparar a nossa própria mentira plausível, tudo isto ao mesmo tempo que alguém espera que respondamos a uma pergunta. No entanto, é exatamente isso que as pessoas esperam que consigamos fazer.

Por fim, liguei o meu computador e começámos, *18 minutos após a hora marcada*. Tinha de falar 43 por cento mais depressa para terminar às 20h — objetivo praticamente impossível. Iríamos acabar tarde, e a minha agenda para o resto da noite estava estragada.

Eu tinha intitulado a minha palestra *Precursores Genéticos das Perturbações do Espectro do Autismo* e preparara alguns diagramas excelentes de estruturas de ADN. Estava a falar há apenas nove minutos, um pouco mais rápido do que o habitual para recuperar tempo, quando a Julie me interrompeu.

— Professor Tillman, quase ninguém na audiência é cientista. Por isso, talvez valesse a pena ser um pouco menos técnico.

Este tipo de coisa é incrivelmente irritante. As pessoas são capazes de falar das supostas características de um Gémeos ou de um Touro, podem passar cinco dias a ver um jogo de críquete, mas não têm interesse nem arranjam tempo para aprenderem as bases daquilo de que, como seres humanos, são feitas.

Continuei a minha apresentação tal como a preparara. Era demasiado tarde para mudar e certamente que, na audiência, alguém teria conhecimentos suficientes para compreender.

Eu tinha razão. Um miúdo, com cerca de 12 anos, pôs a mão no ar.

— Está a dizer que é pouco provável que exista apenas um marcador genético, mas que, ao invés, vários genes estão envolvidos e a expressão total depende da combinação específica. É verdade?

— Exatamente! Mais os fatores ambientais. A situação é análoga à do distúrbio bipolar, que...

A Julie voltou a interromper.

— Então, para nós, não gênios, penso que o professor Tillman está a lembrar-nos de que a síndrome de Asperger é uma coisa com que nascemos. Ninguém tem culpa.

Fiquei horrorizado com a utilização do termo «culpa», com as suas conotações negativas, especialmente por ser empregue por alguém com funções de autoridade. Desisti da minha decisão de não me desviar das questões genéticas. Não há dúvida de que o problema vinha a fermentar no meu subconsciente e, por isso, é possível que o volume da minha voz tenha aumentado.

— Culpa! A Asperger não tem que ver com culpa nem é um defeito. Potencialmente, é uma grande vantagem. A síndrome de Asperger está associada à organização, à concentração, ao pensamento criativo e à autonomia racional.

No fundo da sala, uma mulher ergueu a mão. Eu estava então concentrado na argumentação e cometi um pequeno erro social, que depressa corriji.

— A senhora gorda — *obesa* — no fundo?

A mulher fez uma pausa e olhou à sua volta, mas depois prosseguiu.

— Autonomia racional: isso é um eufemismo para a falta de emoção?

— É um sinónimo — respondi. — As emoções podem causar grandes problemas.

Pensei que seria útil dar um exemplo, retirado de uma história na qual o comportamento emocional teria conduzido a consequências desastrosas.

— Imagine — disse eu — que está escondida numa cave. O inimigo está à sua procura e dos seus amigos. Todos têm de se manter em silêncio absoluto, mas o seu bebé começa a chorar.

Fiz uma imitação, como faria o Gene, para tornar a história mais convincente:

— Buaaaá.

Após uma pausa dramática, disse:

— A senhora tem uma arma.

As mãos no ar multiplicaram-se.

— A arma tem um silenciador. Eles estão mais próximos. Vão matar-vos a todos. O que é que vai fazer? O bebé está aos berros.

Os miúdos estavam impacientes para responder. Um deles gritou:

— Matem o bebé.

Pouco depois, todos gritavam:

— Matem o bebé, matem o bebé.

O rapaz que fizera a pergunta sobre genética gritou:

— Matem o *inimigo*.

Outro disse:

— Apanhem-nos de surpresa.

As sugestões eram lançadas com rapidez.

— Usem o bebé como isco.

— Quantas armas temos?

— Tapem-lhe a boca.

— Quanto tempo pode viver sem ar?

Tal como eu esperava, todas as ideias vinham dos «pacientes» de Asperger. Os pais não faziam sugestões construtivas; alguns tentavam até conter a criatividade dos filhos.

Levantei as mãos.

— Acabou o tempo. Bom trabalho. Todas as soluções racionais vieram dos *aspies*¹. Os outros ficaram incapacitados pela emoção.

— Os *aspies* são os maiores! — gritou um dos miúdos.

Eu já tinha reparado nesta abreviatura na literatura, mas parecia ser uma novidade para as crianças. Estas pareciam apreciá-la e, pouco depois, estavam de pé nas cadeiras e em cima das secretárias, a dar murros no ar e a cantar em coro:

— Os *aspies* são os maiores!

De acordo com as minhas leituras, as crianças com síndrome de Asperger têm frequentemente falta de autoconfiança em situações sociais. O sucesso delas na resolução de problemas parecia ter fornecido uma cura temporária para isso, mas, mais uma vez, os pais não mostravam uma reação positiva, gritando aos filhos e, em alguns casos, tentando obrigá-los a descerem das secretárias. Pelos vistos, estavam mais preocupados com a adesão às convenções sociais do que com a melhoria dos filhos.

¹ Designação popular das pessoas que sofrem da síndrome de Asperger. (NT)

Senti que a minha explicação fora clara e a Julie não achava que precisássemos de continuar com a genética. Os pais pareciam refletir naquilo que os filhos haviam aprendido e saíram sem me dizerem mais nada. Eram apenas 19h43. Um desfecho excelente.

Enquanto eu arrumava o meu computador portátil, a Julie irrompeu num riso sonoro.

— Ai meu Deus! — disse ela. — Preciso de uma bebida.

Eu não percebia muito bem porque estava ela a partilhar essa informação com uma pessoa que conhecera apenas há 46 minutos. Eu também pensava beber uns copos quando chegasse a casa, mas não havia razões para dizer isso à Julie.

Ela continuou:

— Sabe, nunca usamos essa palavra. *Aspies*. Não queremos que pensem que se trata de uma espécie de clube.

Mais implicações negativas vindas de alguém que, em princípio, era paga para ajudar e encorajar.

— Como a homossexualidade? — perguntei.

— Exato — disse a Julie. — Mas é diferente. Se não mudarem, não terão verdadeiros relacionamentos; nunca terão parceiros.

Era um argumento sensato, que, dadas as minhas dificuldades nessa esfera, eu conseguia perceber. Mas a Julie mudou de assunto:

— Mas diz que há coisas, coisas úteis, que eles são capazes de fazer melhor do que... os não *aspies*? Além de matarem bebés.

— Claro que sim.

Perguntei-me por que razão uma pessoa envolvida na educação de indivíduos com atributos invulgares não tinha consciência do valor e do mercado desses atributos.

— Há uma empresa na Dinamarca que recruta *aspies* para testarem aplicações informáticas.

— Não sabia — disse a Julie. — Está a mostrar-me uma perspetiva realmente diferente.

Olhou para mim durante alguns momentos.

— Tem tempo para beber qualquer coisa? — perguntou-me, antes de pousar a mão no meu ombro.

Esquivei-me imediatamente. Era, efetivamente, um contacto pouco apropriado. Se eu tivesse feito o mesmo a uma mulher haveria

quase de certeza um problema, talvez uma queixa à reitora por assédio sexual, que teria consequências para a minha carreira. É claro que ninguém iria criticá-la por isso.

— Infelizmente, tenho outras atividades já marcadas.

— Não há flexibilidade?

— Decididamente, não.

Depois de ter conseguido recuperar o tempo perdido, não iria voltar a lançar a minha vida no caos.

Antes de conhecer o Gene e a Claudia, tive outras duas amigas. A primeira era a minha irmã mais velha. Embora fosse professora de matemática, tinha pouco interesse nos avanços nesse domínio. No entanto, vivia perto e visitava-me duas vezes por semana e, por vezes, quando calhava. Comíamos juntos e falávamos sobre coisas triviais, como os acontecimentos na vida dos nossos familiares e as interações sociais com os nossos colegas. Um domingo por mês, íamos de carro até Shepparton para almoçar com os nossos pais e o nosso irmão. Ela era solteira, provavelmente por ser tímida e não ter uma beleza convencional. Devido a uma incompetência médica grosseira e injustificável, está agora morta.

A segunda amiga era a Daphne, cujo período de amizade coincidiu com o do Gene e da Claudia. Depois de o marido ter entrado para um lar devido à demência, ela mudou-se para o apartamento no piso acima do meu. Por sofrer de insuficiência renal, exacerbada pela obesidade, a Daphne não era capaz de dar mais do que alguns passos, mas era muito inteligente, e comecei a visitá-la com frequência. Não possuía qualificações formais, tendo desempenhado um papel tradicional de dona de casa. Eu considerava isso um desperdício extremo de talento — particularmente porque os seus descendentes não lhe retribuía os cuidados. Era curiosa em relação ao meu trabalho e demos início ao Projeto Ensinar Genética a Daphne, que foi fascinante para ambos.

Ela começou a jantar regularmente em minha casa, pois há enormes economias de escala na preparação de uma refeição para dois, em vez de duas refeições separadas. Todos os domingos, às 15h, íamos visitar o marido dela ao lar, que ficava a 7,3 quilómetros de

distância. Era capaz de combinar uma caminhada de 14,6 quilômetros a empurrar uma cadeira de rodas com uma conversa interessante sobre genética. Eu ficava a ler enquanto a Daphne falava com o marido, cujo nível de compreensão era difícil de determinar, mas era certamente baixo.

O nome Daphne veio da planta que florescia na altura do seu nascimento, a 28 de agosto. Quando ela fazia anos, o marido dava-lhe flores de dafne, que ela via como um ato profundamente romântico. Queixava-se de que no seu próximo aniversário seria a primeira vez, em 56 anos, que esse ato simbólico não se realizaria. A solução era óbvia e, quando a levei ao meu apartamento para jantar no seu 78.º aniversário, comprei um ramo de flores para lhe oferecer.

Reconhecendo imediatamente o cheiro, começou a chorar. Pensei ter cometido um erro terrível, mas ela explicou-me que as suas lágrimas eram sinal de felicidade. Estava também impressionada com o bolo de chocolate que eu tinha feito, mas não tanto quanto com as flores.

Durante o jantar, fez uma declaração incrível:

— Don, você daria um marido maravilhoso.

Isto era de tal modo contrário às minhas experiências de rejeição pelas mulheres que fiquei momentaneamente estupefacto. Depois, apresentei-lhe os factos, a história das minhas tentativas de arranjar uma parceira, começando com a minha pressuposição, enquanto criança, de que iria crescer e casar, e acabando com o abandono desta ideia à medida que o meu desajustamento se tornava cada vez mais evidente.

O argumento dela era simples: há alguém para toda a gente. Em termos estatísticos, estava quase certamente correta. Infelizmente, a probabilidade de eu vir a encontrar tal pessoa era ridiculamente minúscula. No entanto, isso criou-me uma certa perturbação intelectual, como um problema matemático que sabemos dever ter uma solução.

Nos dois aniversários seguintes, repetimos o ritual das flores. Os resultados não foram tão empolgantes quanto o da primeira vez, mas também lhe comprei presentes — livros sobre genética —

e parecia-me muito contente. Disse-me que o seu aniversário fora sempre o seu dia do ano favorito. Eu compreendia que esta ideia fosse comum nas crianças, por causa dos presentes, mas não esperava ouvi-la da boca de uma pessoa adulta.

Noventa e três dias após o terceiro jantar de aniversário, dirigíamo-nos para o lar, falando sobre um artigo de genética que a Daphne lera no dia anterior, quando se tornou visível que ela se esquecera de alguns pontos importantes. Não era a primeira vez, nas últimas semanas, que a memória a atraçoava e marquei imediatamente uma avaliação da sua capacidade cognitiva. O diagnóstico foi doença de Alzheimer.

A capacidade intelectual da Daphne deteriorou-se rapidamente e, pouco tempo depois, deixámos de poder ter as nossas conversas sobre genética. Todavia, continuámos com os nossos jantares e os nossos passeios até ao lar. A Daphne falava agora principalmente do seu passado, concentrando-se no marido e na família, e tive a oportunidade de formar uma ideia generalizada daquilo que poderia ser a vida de casado. Continuava a insistir em que eu podia encontrar uma parceira compatível e desfrutar do elevado nível de felicidade que ela própria vivera. Alguns estudos complementares confirmaram que os argumentos da Daphne eram apoiados por provas: os homens casados são mais felizes e vivem mais tempo.

Certo dia, a Daphne perguntou-me:

— Quando é o meu próximo aniversário?

Percebi então que ela perdera a noção das datas. Decidi que seria aceitável mentir de maneira a maximizar-lhe a felicidade. O problema era arranjar dafnes fora de época, mas tive um êxito inesperado. Conhecia um geneticista que trabalhava na alteração e no alargamento do florescimento de plantas para fins comerciais. Ele era capaz de fornecer algumas dafnes ao meu vendedor de flores e tivemos um jantar de aniversário simulado. Repeti o processo sempre que a Daphne perguntava pelo seu aniversário.

A Daphne acabou por ter de se juntar ao marido no lar, e, à medida que a sua memória se ia tornando mais débil, celebrávamos os seus aniversários com mais regularidade, até que passei a visitá-la todos os dias. O florista deu-me um cartão especial de

fidelidade. Calculei que a Daphne atingira a idade de 207 anos, segundo o número de aniversários, quando deixou de me reconhecer, e 319 quando deixou de reagir às flores e desisti das visitas.

Não esperava voltar a falar com a Julie. Como de costume, as minhas pressuposições sobre o comportamento humano estavam erradas. Dois dias após a palestra, às 15h37, o meu telefone tocou, avisando-me de uma chamada a partir de um número que eu não conhecia. A Julie deixou uma mensagem, pedindo que lhe telefonasse, e deduzi que devia ter-me esquecido de alguma coisa.

Mais uma vez, estava errado. Ela queria continuar a nossa discussão sobre a síndrome de Asperger. Sentia-me contente por a minha conversa ter sido tão influente. Sugeri que nos encontrássemos para jantar, o que não era a ocasião ideal para se ter uma discussão produtiva, mas, como costumo jantar sozinho, seria fácil marcar o encontro. Contudo, a investigação preliminar era outra questão.

— Em que temas específicos está interessada?

— Oh — disse ela —, pensei que poderíamos falar apenas de coisas gerais... conhecermo-nos um pouco.

Isto parecia-me vago.

— Preciso, pelo menos, de uma indicação geral sobre o tema. Que disse eu que lhe tenha interessado em particular?

— Bem..., acho que aquilo sobre os testadores na Dinamarca.

— Os testadores de *aplicações* informáticas — teria realmente de fazer alguma investigação.

— Que gostaria de saber?

— Como é que os encontraram? A maioria dos adultos com síndrome de Asperger não sabe que sofre desse problema.

Era uma boa questão. Entrevistar candidatos aleatórios seria uma forma muito pouco eficiente de detetar uma síndrome que tem uma prevalência inferior a 0,3 por cento.

Aventei uma hipótese:

— Devem usar um questionário como filtro preliminar.

Ainda não terminara a frase quando uma luz se acendeu na minha cabeça, não literalmente, claro.

Um questionário! Que solução tão óbvia. Um instrumento com um fim específico, cientificamente válido, que incorporasse a melhor prática corrente de filtrar as consumidoras de tempo, as desorganizadas, as discriminadoras de gelados, as queixosas de assédio visual, as contempladoras de cristais, as leitoras de horóscopos, as obcecadas pela moda, as fanáticas religiosas, as vegetarianas, as fãs de desporto, as criacionistas, as fumadoras, as cientificamente iliteratas, as homeopatas, deixando, idealmente, a parceira perfeita ou, em termos realistas, uma pequena lista de candidatas.

— Don? — Era a Julie, que continuava ao telefone. — Quando é que nos encontramos?

As coisas haviam mudado. Agora, as prioridades eram outras.

— Não é possível — disse eu. — Tenho a agenda cheia.

Iria precisar de todo o tempo disponível para um novo projeto. O Projeto Esposa.

Depois da conversa com a Julie, fui imediatamente ao gabinete do Gene no edifício de Psicologia, mas ele não estava lá. Felizmente, a sua assistente pessoal, A Bela Helena, que devia ser chamada A Obstrutiva Helena, também não estava lá e pude assim aceder à agenda do Gene. Descobri que estava a proferir uma conferência pública, que deveria terminar às 17h, com um hiato antes de uma reunião às 17h30. Perfeito. Eu teria apenas de reduzir a duração da minha sessão de ginástica. Reservei esse tempo vago.

Após um treino acelerado no ginásio, sem tomar duche nem mudar de roupa, corri até ao local da conferência, onde esperei junto à entrada do pessoal. Apesar de estar a suar devido ao calor e ao exercício, sentia-me enérgico, tanto física como mentalmente. Assim que os ponteiros do meu relógio marcaram as 17h, entrei. O Gene estava no atril do anfiteatro escuro, ainda a falar, aparentemente esquecido do tempo, respondendo a uma pergunta sobre financiamento. A minha entrada lançou um raio de luz na sala e percebi que os olhos da audiência estavam agora depositos em mim, como se esperassem que eu dissesse alguma coisa.

— Acabou o tempo — disse eu. — Tenho uma reunião com o Gene.

As pessoas começaram imediatamente a levantar-se e vi a reitora na fila da frente, com três pessoas vestidas de fato. Presumi que estavam ali na qualidade de potenciais financiadores e não por causa de um interesse intelectual na atração sexual dos primatas.

O Gene está sempre a tentar angariar dinheiro para a investigação, e a reitora está constantemente a ameaçar fazer cortes nos departamentos de Genética e de Psicologia devido ao financiamento insuficiente. É uma área em que não me envolvo.

Sobrepondo-se à vozeria, o Gene disse:

— Penso que o meu colega, o professor Tillman, nos fez sinal de que devemos discutir as finanças, por muito importantes que sejam para o nosso trabalho, noutra altura.

Olhou para a reitora e para os seus companheiros.

— Mais uma vez, obrigado pelo vosso interesse no meu trabalho e, evidentemente, no trabalho dos meus colegas do Departamento de Psicologia.

A audiência aplaudiu. Pelos vistos, a minha intervenção fora oportuna.

Ao passar por mim juntamente com os seus amigos de fato, a reitora disse-me:

— Desculpe-me por ter atrasado a sua reunião, professor Tillman. Tenho a certeza de que podemos arranjar o dinheiro noutro lado qualquer.

Isto era bom de ouvir, mas havia agora um ajuntamento irritante à volta do Gene. Uma ruiva, com vários objetos metálicos nas orelhas, conversava com ele. Falava muito alto.

— Não acredito que usou uma conferência pública para perseguir os seus próprios interesses.

— Então, ainda bem que veio. Mudou uma das suas crenças. Isso é uma novidade.

Era óbvio que, apesar de o Gene estar a sorrir, havia uma certa animosidade por parte da mulher.

— Mesmo que você tivesse razão, que não tem, então e o impacto social?

Fiquei espantado com a resposta seguinte do Gene, não pela sua determinação, que eu conhecia bem, mas pela sua mudança subtil de assunto. O Gene tinha um nível de capacidades sociais que eu nunca alcançaria.

— Isto parece uma conversa de café. Porque é que, num dia destes, não falamos sobre isso enquanto bebemos um café?

— Desculpe — disse ela. — Tenho investigação para fazer. Provas, sabe?

Tentei aproximar-me do Gene, mas uma loura alta estava à minha frente, e eu não queria arriscar qualquer contacto físico. Ela falava com um sotaque norueguês.

— Professor Barrow? — disse ela, dirigindo-se ao Gene. — Com todo o respeito, penso que subvaloriza a posição feminista.

— Se vamos falar de filosofia, devemos ir para um café — respondeu o Gene. — Vou ter consigo daqui a cinco minutos, no Barista's.

A mulher assentiu com a cabeça e dirigiu-se para a porta.

Finalmente, tínhamos tempo para falar.

— Qual é o sotaque dela? — perguntou-me o Gene. — Sueco?

— Norueguês — respondi. — Pensei que já tinhas uma norueguesa.

Disse-lhe que tínhamos uma conversa agendada, mas o Gene estava agora concentrado em ir beber café com a mulher. A maioria dos animais machos está programada para dar mais importância ao sexo do que à ajuda a um indivíduo não aparentado, e o Gene tinha a motivação adicional do seu projeto de investigação. Não valia a pena insistir.

— Reserva a próxima vaga na minha agenda — disse ele.

A Bela Helena já tinha provavelmente saído e eu podia voltar a aceder à agenda do Gene. Corrigi a minha própria agenda para marcar o encontro. A partir de agora, o Projeto Esposa teria prioridade máxima.

No dia seguinte, esperei exatamente até às 7h30 antes de bater à porta do Gene e da Claudia. Tivera de mudar a minha ida ao mercado para comprar o jantar para as 5h45, o que, por sua vez, significara deitar-me mais cedo na noite anterior, com efeitos em várias tarefas que havia agendado.

Ouvi exclamações de surpresa através da porta antes de a filha deles, Eugenie, a abrir. Como sempre, a Eugenie ficou contente por me ver e pediu-me que a pusesse aos ombros e saltitasse até à cozinha. Foi muito divertido. Ocorreu-me que poderia incluir a Eugenie e o seu meio-irmão, Carl, como meus amigos, fazendo um total de quatro.

O Gene e a Claudia tomavam o pequeno-almoço e disseram-me que não estavam à minha espera. Aconselhei o Gene a pôr *online* a sua agenda — ele podia manter-se atualizado e eu podia evitar encontros desagradáveis com A Bela Helena. Não ficou muito entusiasmado com a ideia.

Como ainda não tomara o pequeno-almoço, tirei um iogurte do frigorífico. Adocicado! Não admira que o Gene tivesse peso a mais. A Claudia ainda não tinha excesso de peso, mas notei um certo aumento. Apresentei o problema e identifiquei o iogurte como a causa provável.

A Claudia perguntou-me se eu tinha gostado da palestra sobre a síndrome de Asperger. Pensava que o Gene tinha pronunciado a palestra e que eu fora apenas um espetador. Corrigi-lhe o erro e disse-lhe que achara o assunto fascinante.

— Os sintomas fizeram-te lembrar alguém? — perguntou ela.

Sem dúvida. Eram uma descrição quase perfeita do Laszlo Hevesi, do Departamento de Física. Estava a começar a contar a história do Laszlo e dos pijamas quando o Carl, o filho do Gene, que tinha 16 anos, chegou vestido com a sua farda escolar. Dirigiu-se ao frigorífico, como se o fosse abrir, e, de repente, virou-se e tentou dar-me um forte soco na cabeça. Agarrei-lhe no punho e empurrei-o de forma suave mas firme até ao chão, para que o Carl percebesse que eu fazia isso mais graças à alavancagem do que à força. Estamos sempre a fazer este jogo, mas ele não tinha reparado no iogurte, que estava agora espalhado pelas nossas roupas.

— Não te mexas — disse a Claudia. — Vou buscar um pano.

Um pano não me limparia bem a camisa. Lavar uma camisa requer uma máquina, detergente, amaciador e algum tempo.

— Visto uma das do Gene — disse eu, e dirigi-me ao quarto deles.

Quando regresssei, vestido com uma camisa branca e desconfortavelmente larga, com um franzido decorativo na frente, tentei apresentar o Projeto Esposa, mas a Claudia estava ocupada em atividades relacionadas com os filhos. Isto estava a tornar-se frustrante. Marquei jantar para sábado e pedi-lhes que não pensassem em mais nenhum tema de conversa.

O adiamento acabou por ser oportuno, pois permitiu-me fazer alguma pesquisa sobre a conceção do questionário, elaborar uma lista de atributos desejáveis e produzir o esboço de uma sondagem pró-forma. É claro que tudo isto teve de ser feito entre os meus compromissos de ensino e de investigação e uma reunião com a reitora.

Na sexta-feira de manhã, tivemos outra interação desagradável quando fiz queixa de um aluno de mestrado por desonestidade académica. Já uma vez tinha apanhado o Kevin Yu a cometer fraude. Desta vez, ao avaliar um trabalho dele, reconheci uma frase do trabalho de outro aluno de há três anos.

Um inquérito apurou que o antigo aluno era agora tutor privado do Kevin e que lhe redigira pelo menos uma parte do ensaio. Tudo isto acontecera há algumas semanas. Eu tinha relatado a situação e esperava que o processo disciplinar seguisse o seu curso. Pelos vistos, o caso era mais complexo do que eu pensava.

— A situação do Kevin é um bocado complicada — disse a reitora.

Estávamos no seu gabinete, de estilo empresarial, e ela vestia-se num estilo igualmente empresarial, com saia e casaco azul-escuros a condizerem, que, segundo o Gene, tem a finalidade de a fazer parecer mais poderosa. É uma mulher baixa e magra, com cerca de 50 anos, e é possível que a roupa a faça parecer mais alta, mas não compreendo a importância do domínio físico num ambiente académico.

— Esta é a terceira infração do Kevin e, segundo o regulamento da universidade, deve ser expulso — disse a reitora.

Os factos pareciam claros e a ação a empreender evidente. Tentei identificar a complexidade a que a reitora se referia.

— As provas são insuficientes? Ele opõe-se legalmente ao processo?

— Não. O caso é perfeitamente claro. Mas a primeira infração foi muito ingénuo. Copiou da Internet e foi apanhado pelo programa informático de reconhecimento de plágio. Ele estava no primeiro ano e o seu inglês não era muito bom. E havia diferenças culturais.

Eu não tinha conhecimento dessa primeira infração.

— No segundo caso, você mesmo relatou que o Kevin plagiou um ensaio obscuro que o professor conhecia.

— Correto.

— Don, nenhum dos outros professores é tão... vigilante... quanto você.

Era invulgar a reitora elogiar-me pela minha grande erudição e dedicação.

— Estes jovens pagam muito dinheiro para estudar aqui. Dependemos das suas propinas. Não queremos que andem a roubar descaradamente na Internet. Mas temos de reconhecer que precisam de ajuda e... o Kevin só tem mais um semestre para concluir. Não podemos mandá-lo embora após três anos e meio sem uma qualificação. Não fica bem.

— E se ele fosse um aluno de Medicina? E se a reitora fosse para o hospital e o médico que a operasse tivesse copiado nos exames da faculdade?

— O Kevin não é aluno de Medicina. E não copiou nos exames, teve apenas ajuda num trabalho.

Parecia que a reitora só me elogiava para conseguir, da minha parte, um comportamento pouco ético. Mas a solução para o seu dilema era óbvia. Se não quisesse quebrar as regras, ela tinha de mudar as regras. Foi isto que lhe disse.

Não sou grande coisa a interpretar expressões e não conhecia aquela que surgiu no rosto da reitora.

— Não podemos dar a ideia de que permitimos fraudes.

— Mesmo que o façamos?

A reunião deixou-me confuso e zangado. Havia questões sérias em jogo. E se a nossa investigação não fosse aceite porque tínhamos uma reputação de baixas exigências académicas? Várias pessoas podiam morrer enquanto se adiavam curas para as doenças. E se um laboratório de genética contratasse uma pessoa cuja habilitação tivesse sido obtida graças à fraude e essa pessoa cometesse erros graves? A reitora parecia estar mais preocupada com as perceções do que com estas questões fundamentais.

Pensei em como seria passar a vida com a reitora. Era uma ideia verdadeiramente horrorosa. O problema subjacente era a preocupação com a imagem. O meu questionário seria inflexível na função de filtrar e descartar as mulheres preocupadas com a aparência.